

## **A SÍNDROME DE DOWN: CONCEPÇÕES DOS DOCENTES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA INCLUSÃO DA CRIANÇA NA SALA DE AULA REGULAR**

Maria do Carmo do Nascimento<sup>1</sup>; Ângela Maria Freire de Avelar<sup>2</sup>; Maria Salete Gomes da Silva<sup>3</sup>; Maria do Céu Gomes da Silva<sup>5</sup>; Maria de Fatima do Nascimento Pereira<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual da Paraíba, [docarmo.nascimento@gmail.com](mailto:docarmo.nascimento@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Estadual da Paraíba, [angelaavelar15@gmail.com](mailto:angelaavelar15@gmail.com)

<sup>3</sup>Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, [saletegomes67@gmail.com](mailto:saletegomes67@gmail.com)

<sup>4</sup>Faculdade catolica nossa senhora das vitoria, [silvamariadoceu543@gmail.com](mailto:silvamariadoceu543@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Estadual Vale do Acaraú, [mdfatimanascimento@gmail.com](mailto:mdfatimanascimento@gmail.com)

**Resumo:** Diante a nossa sociedade, a ideia de inclusão é fruto de um momento histórico em transformação envolvendo aspectos políticos, culturais, sociais e filosóficos. A inclusão de uma criança com síndrome de Down em diversos âmbitos da sociedade tem sido motivo de muita polêmica, principalmente no sistema educacional brasileiro, devido à complexidade de fatores a serem revistos para sua implantação, os professores tem que saber lidar com cada aluno e suas dificuldades seja ele com deficiências ou não. Uma das formas é se investir nas possibilidades de desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é a compreensão de que a síndrome não é uma doença, que pode ser prevenida, que se tem cura ou tratamento para se diminuir o grau do comprometimento na base cognitiva. A participação dos pais com a escola é de muita importância, e fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois elas se sentem, mas confiantes com a interação, claro que nem sempre é fácil. A nossa pesquisa relata sobre esse conceito, ela é de caráter qualitativa, utilizando-se de um estudo de caso sobre a síndrome de Down: Concepções dos docentes, desafios e perspectivas na inclusão da criança na sala de aula regular. Esse estudo foi desenvolvido com docentes da rede Pública Municipal do município de Araruna/PB buscando opiniões e informações referentes à temática que trata sobre a síndrome de Down, a pesquisa foi realizada em forma de questionário onde continha 10 questões, para obtermos o conhecimento de suas opiniões referente a essa inclusão.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down, Inclusão, dificuldades de Aprendizagens, Expectativas.

### **INTRODUÇÃO**

Diante a nossa sociedade, a ideia de inclusão é fruto de um momento histórico em transformação envolvendo aspectos políticos, culturais, sociais e filosóficos. A inclusão de uma

criança com síndrome de Down em diversos âmbitos da sociedade tem sido motivo de muita polêmica, principalmente no sistema educacional brasileiro, devido à complexidade de fatores a serem revistos para sua implantação, os professores tem que saber lidar com cada aluno e suas dificuldades seja ele com deficiências ou não.

Uma das formas é se investir nas possibilidades de desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é a compreensão de que a síndrome não é uma doença, que pode ser prevenida, que se tem cura ou tratamento para se diminuir o grau do comprometimento na base cognitiva. Existem sim processos de intervenção que podem estimular as potencialidades de modo que o cérebro possa, dentro da sua plasticidade, responder aos estímulos e as exigências externas que são feitas aos indivíduos, mas não pode evitar que a criança nasça com síndrome de Down, mas elas têm o direito de estudar.

De acordo com Oliveira & Silva (2009), as pessoas com síndrome de Down historicamente foram estigmatizadas como incapazes de desenvolver sua autonomia intelectual, social, afetiva ou, simplesmente, têm sido engessadas por suas limitações, sendo condenadas ao determinismo genético em que responsabiliza a deficiência primária pelo não aprendizado das mesmas.

Para Coll (2000), o comportamento efetivo que um professor manifesta diante dos seus alunos é sempre e inevitavelmente mediado pelas representações sociais, ou seja, pelo que pensa e espera deles. Aos professores cabe fazer a diferença e aprender a lidar com estas novas situações para conseguir acompanhar o desenvolvimento dos alunos e certificar-se de que eles estejam evoluindo em todos os seus aspectos, dentro de suas possibilidades e limitações, e assim contribuir para as suas aprendizagens e também os preparando para a sociedade e principalmente para com sua vida familiar.

A participação dos pais com a escola é de muita importância, e fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois elas se sentem, mas confiantes com a interação, claro que nem sempre é fácil. Todos os alunos já demandam atenção individual e trazem muitos desafios com a facilidade de que, em grande parte dos casos, são situações e problemas com os quais os professores têm maior familiaridade para lidar. Agregar a essa realidade a novas “situações-problema”, agravadas pelo fato da falta de familiarização com as situações e demandas que elas exigem, sem dúvida é motivo de inquietação para os educadores.

Para que haja o desenvolvimento da linguagem tanto impressiva quanto expressiva, é preciso que a criança com a síndrome tenha um contato diário e permanente com diversas situações sócio comunicativas, que não devem se restringir apenas espaço da sala de aula ou dos membros da família. É necessário que a criança esteja em contato permanente com pessoas pertencentes a grupos sociais diferentes, para que possa enriquecer o acervo vocabular, o uso lexical, instalação e a articulação dos sons, a produção de texto orais e escritos (CASTRO, 2002).

Segundo CARVALHO (2003, p.61) a inclusão requer muita reflexão e preparo do contexto escolar. O movimento inclusivo no contexto educacional é desafiador, pois exige mudanças em vários aspectos a fim de superar as barreiras para a educação.

A criança com síndrome de Down tem que esta na escola, na sociedade, ela tem que ter uma vida como qualquer outra criança, pois é uma criança que tem a capacidade de ter uma vida saudável e comum sem restrição de qualquer coisa, pois quem faz com que a criança com síndrome de Down seja excluída muitas vezes é os próprios pais.

Segundo Alves (2007)

[...] na criança com Síndrome de Down a prontidão para a aprendizagem depende da complexa integração dos processos neurológicos e da harmoniosa evolução de funções específicas, como a linguagem, percepção, esquema corporal, orientação espaço-temporal e lateralidade (p. 41).

A criança com síndrome de Down apresenta uma aprendizagem, mas restrita, sua convivência com crianças com desenvolvimento considerada normal é muito importante para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e emocionais. Alves (2007) ainda ressalta que não se pode limitar a possibilidade de desenvolvimento intelectual dos sujeitos.

De acordo com Milani (2005):

As conexões cerebrais das crianças portadoras da Síndrome de Down são mais lentas e fracas e por isso requerem mais repetições. A integração entre a ordem verbal e a resposta é difícil, porque a criança precisa fazer uma síntese entre a fala, a instrução e a ação. (p. 50).

A educação da criança com a síndrome de Down deve atender às suas necessidades especiais, sem se desviar dos princípios básicos da

educação propostas. Assim, as atividades desenvolvidas na sala de aula não podem se limitar ao espaço da sala de aula, mas extrapolar os muros da escola possibilitando o contato com diversos lugares para conhecer o movimento das pessoas, dos animais e de tudo que está em sua volta para que a criança não tenha medo do que o rodeia. É preciso possibilitar um contato amplo com o meio, para que a criança possa ter uma visão ampla do mundo.

Conforme Schwartzman (1999):

A educação de crianças com Síndrome de Down, apesar de sua complexidade, não invalida a afirmação de quem tem possibilidade de evoluírem. Com o devido acompanhamento, poderão tornar-se cidadãos úteis à comunidade, embora seus progressos não atinjam os patamares das crianças normais. (p.262).

Todas as crianças com síndrome de Down com desempenho dos familiares e com o acompanhamento necessário têm todas as possibilidades de evoluírem na escola, na sociedade de praticar esporte e ser uma criança com, mas atividades normais, e quando chegarem à vida adulta poderá trabalhar como qualquer outro cidadão em quaisquer empresas privadas ou públicas basta ter oportunidade e incentivo próprio e que as pessoas que a rodeiam e que acreditam que elas são capazes de exercer qualquer função. Cabe aos familiares dar oportunidade as crianças com síndrome de Down desde novos sempre incentivados a passar por todos os obstáculos que o mundo traz para cada cidadão, ter incentivo dos familiares, pois todas as crianças com síndrome são capazes de superar qualquer dificuldade.

É preciso todo o apoio pedagógico do âmbito escolar com a sociedade para com as crianças com síndrome de Down tem que ter toda a equipe envolvida para melhor aprendizagem na prática pedagógica entre outros aspectos. O apoio pedagógico para com os familiares de crianças com síndrome de Down é de total importância para a aprendizagem de cada aluno, pois essas crianças precisam de uma orientação melhor e uma observação do professores, um olhar diferenciado.

Sendo assim, a escola regular é um meio privilegiado para alcançar a inclusão, não só no campo educativo, mas também na esfera social. Mas para que isso aconteça é necessária uma mudança de paradigma, ou seja, uma ruptura com essa representação mecanicista e determinista da deficiência. Implica no abandono da concepção de aluno “ideal”, e começo de um pensar na escola como um conjunto de ações e metas voltadas para atender a diversidade do meio social, pois se compreende que sempre houve

e sempre haverá as diferenças, tanto orgânicas quanto sociais. No entanto, é preciso entender que para além da deficiência existem pessoas humanas com sentimento, vontade e, principalmente, o desejo de ter lugar, vez e voz nessa sociedade que se limita a enxergar somente a deficiência.

O professor, no contexto de uma educação inclusiva, precisa, muito mais do que no passado, ser capacitado para lidar com as diferenças, com as singularidades e a diversidade de todas as crianças, e não com um modelo de pensamento comum a todas elas.

## **METODOLOGIA**

Nossa pesquisa é de caráter qualitativa que, Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Ao discutir as características da pesquisa qualitativa, Creswel (2007, p. 186) chama atenção para o fato de que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos.

Para Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas, destacando-se, principalmente, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Nossa pesquisa será de caráter qualitativa, utilizando-se de um estudo de caso realizado em uma escola municipal do município de Araruna/PB sobre a síndrome de Down: Concepções dos docentes, desafios e perspectivas na inclusão da criança na sala de aula regular.

## **RESULTADOS E DISCURSÃO**

Esse estudo foi desenvolvido com docentes da rede Pública Municipal do município de Araruna/PB buscando opiniões e informações referentes á temática que trata sobre a síndrome de Down: concepções dos docentes, desafios e perspectivas na inclusão da criança na sala de aula regular. A pesquisa foi realizada em forma de questionário onde continha 10 questões, para obtermos o conhecimento de suas opiniões referente a essa inclusão.

Apresentamos algumas das respostas destes professores de maneira a contribuir para um melhor entendimento e uma formação da criticidade

frente as concepções dos docentes, quais são os desafios e as perspectivas na inclusão da criança com síndrome de Down na sala de aula regular. As respostas serão classificadas

Apresentamos as respostas denominando os entrevistados como docente um, docente dois, docente três, pois desta maneira a identidade do professor é preservada, e acreditamos que desta maneira as respostas se da de maneira mais satisfatória.

As duas primeiras questões buscaram conhecer qual a formação acadêmica dos docentes e a quanto tempo que leciona, as respostas obtidas foram as seguintes:

*O docente um é formado em magistério e leciona a mais de 20 anos no ensino fundamental;*

*O docente dois é Licenciado em Pedagogia e leciona a cerca de 6 anos;*

*O docente três tem Licenciatura em Pedagogia e atualmente é Estudante de Pós Lato Sensu Psicopedagogia Clínica e Institucional leciona no ensino fundamental a quase quatro anos.*

A terceira questão buscou saber se na opinião dos professores há necessidade de capacitação (Formação continuada) na rede publica de ensino para a ação pedagógica na sala de aula diante da inclusão

*O docente um nos relatou que sim, é necessário;*

*O docente dois afirmou que é de suma importância cursos de capacitação e formação continuada;*

*O docente três é falou que é importantíssimo, pois a capacitação e a formação continuada se fazem necessário à vida acadêmica do docente, uma vez que precisamos nos atualizar.*

A quarta e quinta questão buscou saber sobre qual e a opinião dos professores sobre a inclusão em escolas publica municipais e referente à presença de alunos deficientes se isso dificulta os trabalhos de aprendizagem na sala de aula. Obtivemos as seguintes respostas:

*O docente um acredita que é muito complicado para o professor, se desdobrar em ensinar aos alunos normais e aos alunos deficientes em um mesmo ambiente dificultando assim um bom desempenho da turma;*

*O docente dois diz que é muito complicado, pois eles são colocados em salas de aula de ensino regular apenas pra preencher espaços, sem uma formação inicial para os professores saber lidar com as necessidades desses alunos, de maneira que interfere o desempenho da turma;*

*O docente três afirma que a inclusão está um pouco distante de acontecer nas salas regular, pois o que acontece é que coloca o aluno apenas pra dizer que foi feito a inclusão, não dão nenhuma assistência ao professor, a inserção desses alunos é necessário, mas a formação e capacitação dos docentes é essencial para que se obtenha êxito.*

A sexta questão inferiu sobre o que os professores acham, se o pessoal da gestão escolar são compromissados em relação à inclusão nas escolas da rede publica de ensino, enquanto a sétima questão buscou saber qual a sugestão deles para que a inclusão se torne mais significativa e efetiva no ambiente escolar. Eles nos responderam o seguinte:

*Todos os docentes nos relataram que não, pois só fazem colocar o aluno pra dizer que fez inclusão e colocar um aluno com necessidades especiais só pra preencher espaço, não é compromisso com a inclusão, muitas vezes é colocado um, dois, e até três alunos com deficiência em uma mesma sala, sem que haja nenhum auxiliar, então não está havendo compromisso, por parte deles. É necessário fornecer capacitação, é preciso que o município nos proporcione cursos de aperfeiçoamento para que os profissionais que exerçam a função de docentes tenham alunos com deficiência na sua turma e trate a todos da mesma maneira sem nenhuma distinção, pois a inclusão é a que acontece se discriminar ninguém.*

A oitava e a nona questão procurou saber se os professores recebem algum treinamento ou orientação para receber alunos deficientes, Como eles acolhem o aluno com deficiência perante os demais e Qual a maior dificuldade encontrada na sala de aula ao se trabalhar com alunos deficientes, e o que eles sabem sobre inclusão.

*O docente um diz que não recebe nenhum treinamento, e acredita que inclusão seja uma forma de se trabalhar com crianças deficientes, ele acolhe o aluno com disciplina mais com naturalidade deixando bem a vontade mas sempre de olho em suas limitações;*

*O docente dois diz que não recebe orientação para incluir a criança com deficiência em sala de aula, para ele a inclusão é incluir o aluno como um todo, fazer com que o mesmo participe de todas as atividades a seu nível de limitações, ele recebe o aluno sempre socializando e orientando a turma a ter o máximo de cuidado para não promover desigualdade, pois o mesmo precisa de um olhar especial para que se sinta a vontade com os demais colegas;*

*O docente três também não recebeu orientação para incluir a criança com deficiência em sala de aula, mas assim que ele recebeu alunos deficientes em sua turma buscou cursos de aperfeiçoamento para que pudesse se habituar melhor com seu educando. Ele acredita que Inclusão é um termo no qual se deve incluir o alunado em todas as atividades inerentes a turma, mas observando-o qual seu desenvolvimento durante a realização e a sua socialização, ele recebe o aluno na sala de aula com respeito, as com um pouco de receio do que vai ser a reação do próprio aluno com os demais, nem sempre eles gostam dos colegas de turma, mas é importante desde o início se estabelecer a relação de respeito entre si.*

A décima questão procurou saber como se dá à interação do aluno com deficiência com os demais colegas no ambiente escolar, e sobre qual é o comportamento da família desses educando com a escola.

*O docente um falou que esta sempre orientando e explicando aos colegas sobre a deficiência do aluno mais apesar dessa orientação a reação da turma muitas vezes é de repressão, pois muitas vezes os próprios familiares não aceitam e nem comenta sobre o caso;*

*O docente dois disse que a interação é normal, eles se comunicam e tem uma ótima vivência, a grande dificuldade é com os pais, pois eles não aceitam que os filhos sejam deficiente, o que causa uma recusa familiar e até ignoram falar sobre o assunto;*

*O docente três relatou que na maioria das vezes é uma relação de cuidados, carinho, afeto. Referente a família é um pouco complicado falar sobre isso, pois muitos pais não aceitam que seus filhos sejam deficientes, então preferem se calar diante o assunto. Há uma minoria de pais que reconhecem e falam normalmente sobre o assunto até dão sugestões de hábitos dos filhos em casa.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que a escola regular é um meio privilegiado para alcançar a inclusão, não só no campo educativo, mas também na esfera social. Mas para que isso aconteça é necessária uma mudança de paradigma, ou seja, uma ruptura com essa representação mecanicista e determinista da deficiência, embora pesquisas científicas confirmem que as pessoas com síndrome de Down têm condições de desenvolverem-se cognitivamente e tornarem-se participantes ativas na sociedade, pais e professores encontram-se presas a uma representação social arraigada de muitos preconceitos e estereótipos.

Todo esse processo em relação à síndrome de Down é permeado por uma visão clínica da deficiência que foi construída ao longo dos tempos, e que dentro do campo das representações sociais passa a ter uma verdade tão forte em si, que impede que a criança com essa síndrome receba a estimulação necessária para o seu desenvolvimento, a estimulação propiciada pelo meio em que a criança vive pode ser fundamental no sentido de favorecer uma atividade lúdica apropriada ao seu desenvolvimento, é exatamente nesse aspecto que está uma das maiores barreiras a ser enfrentada por uma pessoa com síndrome de Down, pois enquanto pais e professoras estiverem presas às dificuldades decorrentes da inclusão deixarão de oferecer a essas crianças as mais diversas oportunidades de convivência e trocas sociais, que possibilitarão a ocorrência de avanços significativos no desenvolvimento e aprendizagem.

Torna-se importante, desde os primeiros anos de vida da criança com Down, a estimulação que leve em conta seus diferentes modos e ritmos de aprendizagem, em função de suas necessidades especiais, é necessário, porém, romper com o determinismo genético e considerar que o desenvolvimento da pessoa com Down resulta não só de fatores biológicos, mas também das importantes interações com o meio.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, Fátima. Para entender Síndrome de Down. Rio de Janeiro: Wak, 2007.
- CASTRO, Antonilma Santos Almeida. As inferências feitas por crianças com Síndrome de Down na leitura de textos imagéticos. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)
- Coll, C.S. (2000). Representação Mútua professor/aluno, expectativas e aprendizagem escolar. *Psicologia do ensino*. (Trad., Oliveira, C.). (pp. 153-163). Porto Alegre: Artimed,.
- CARVALHO, R.E. Removendo barreiras para a aprendizagem. Educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- CRESWEL, J. W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down. São Paulo: Mackenzie: Memnon, 1999.
- MILANI, Denise. Down, Síndrome de: como – onde – quando – porque. São Paulo: Livro Pronto: 2005.
- Oliveira, M.S.; Silva, M.C.L. (2009). Educação Inclusiva para as crianças com síndrome de Down: uma proposta a partir da teoria sócio-histórica. *PRACS: Revista eletrônica de Humanidades do curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 3, 82-92.